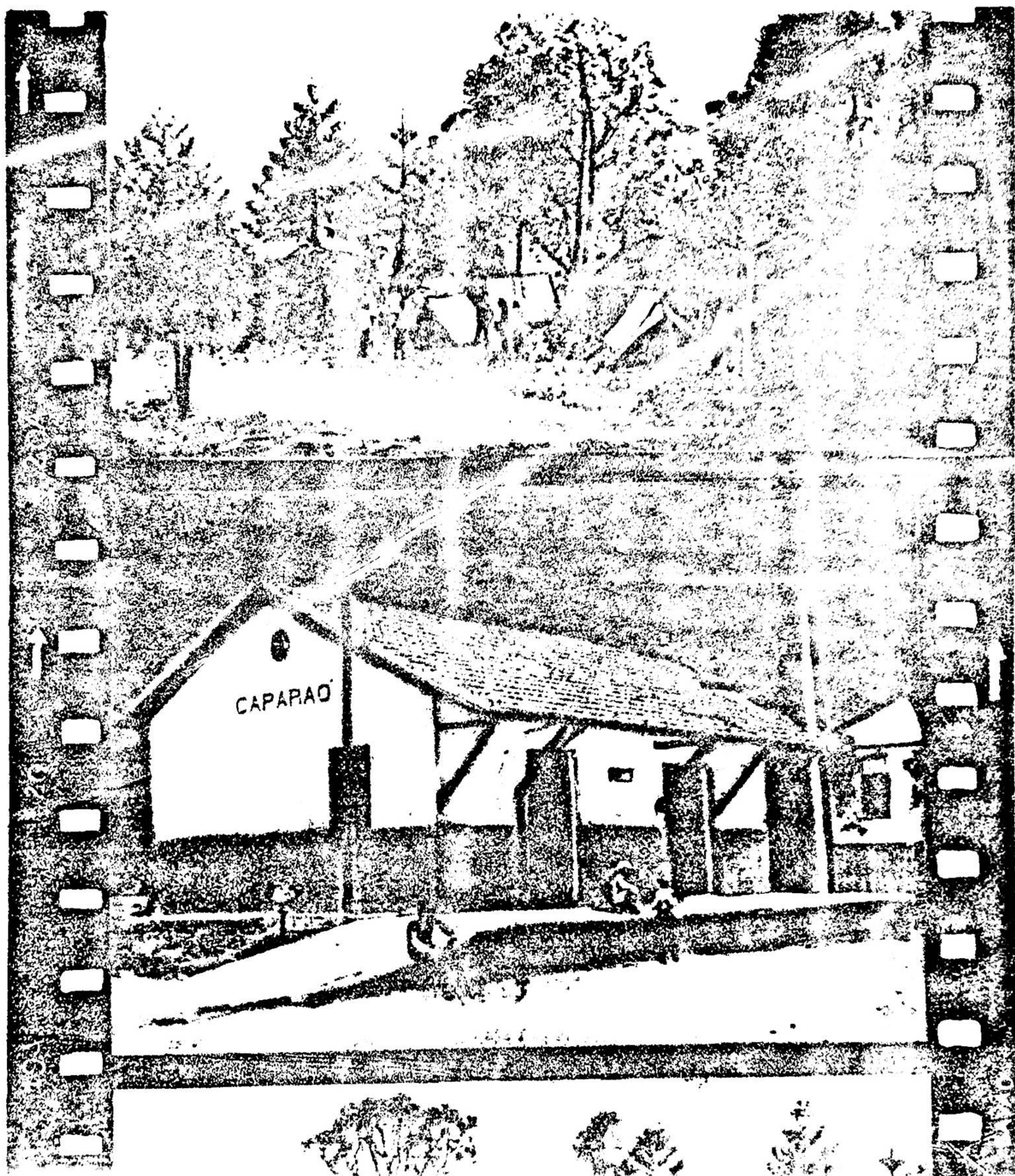




BOLETIM INFORMATIVO

Centro Excursionista Rio de Janeiro



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Fundado em 20 de janeiro de 1939

Reconhecido de utilidade pública por decreto-lei da Assembléia Legislativa

Membro fundador da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro

Boletim nº 454, ano 42, março de 1980

EDITORIAL

O CERJ obteve recentemente mais uma importante conquista na área administrativa, reavendo a parte da sua sede que se encontrava ocupada desde julho de 1978. Após vários meses de conversações frequentes e desgastantes, onde fizemos valer a firmeza de nossas posições, conseguimos reintegrar à nossa sede aquela importante parcela de sua área. Agora poderemos oferecer aos cerjenses um espaço mais amplo para os bate-papos sociais, projeção de filmes e slides, assim como um bar mais adequado para nossos comes e bebes.

Entretanto, recebemos como herança uma grande dívida, relativa às contas de luz e telefone, que não foram pagas e que seremos obrigados a quitar rapidamente. Além disso, ainda não recebemos as contribuições mensais relativas aos quatro últimos meses. É justamente para resolver este problema que a nossa diretoria está convocando extraordinariamente o Conselho Deliberativo do CERJ para o dia 4 de março do corrente ano.

Esperamos que todos os conselheiros se sensibilizem quanto à importância de sua participação no Conselho Deliberativo, pois é durante estas reuniões que se traçam os destinos do nosso CERJ.

A Diretoria

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos sócios Mário Franke e Virgílio Carvalho pela dedicação com que vêm resolvendo mil problemas do clube.

ECOLOGIA

José Sebastião Lopes da Silva, o Tião, é agora o nosso representante para assuntos ambientais e de parques nacionais.

PROJEÇÃO DE SLIDES

Hélio Paz vai fazer uma projeção de slides sobre paisagens e montanhas andinas: Cerro Lopez, Cerro Cathedral, Tronador.

Dia 14 de março, sexta-feira, às 20.30h. A projeção vai ser acompanhada de fundo musical típico.

Todo mundo sabe que as apresentações e os slides de Hélio Paz são muito bons...

FLORESTA DA TIJUCA

Agora que a Floresta da Tijuca passou para a administração do IBDF é hora dos excursionistas fazerem suas reivindicações, e também de apresentarem sugestões específicas em relação a nosso esporte.

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

Boletim nº 454, março de 1980

PROGRAMAÇÃO DE EXCURSÕES PARA O MÊS DE MARÇO

dia	excursão	grau	guia
1	SAB <u>Paredão Arco Iris</u>	2º	Jogo da Bola
2	DOM <u>Paredão CEPI</u>	2º	Mangueira
	<u>Paredão Soleil</u>	3º	Jogo da Bola
8	SAB <u>Paredão Cabrita</u>	2º	Mirian
9	DOM <u>Paredão Olimpo</u>	2º	Mangueira
	<u>Paredão XV de Novembro</u>	2º	Jogo da Bola
	<u>Paredão Saramandaia</u>	3º	Vavá
15	SAB <u>Paredão Atlanta</u>	3º	Mirian
16	DOM <u>Paredão Marisel</u>	3º	Mangueira
	<u>Morro Meu Castelo</u>	cam. leve	Jogo da Bola e Márcia Leuzinger
	<u>Paredão Cabrita</u>	2º	Vavá
22	SAB <u>Pedra da Gávea</u>	cam. semi-pesada	Lucia Helena
	<u>Paredão Lyonel Terray</u>	2º	Claudio
23	DOM <u>Paredão Anta-anta</u>	3º sup.	Jogo da Bola
29	SAB <u>Paredão Azul</u>	2º	Sayão
30	DOM <u>Chaminé Gallotti</u>	5º	Mangueira
	<u>Pedra da Gávea,</u>	cam. semi-pesada	
	via Chaminé Eli, ida e volta		Tião
	<u>Chaminé Pão de Açúcar</u>	2º	Vavá

MEU CASTELO

O passeio agradável que foi feito a Meu Castelo, no fim do ano passado, animou o mesmo grupo a repeti-lo agora em março.

Tudo correu muito bem e até um temporal que caiu no fim da caminhada de volta serviu para animar mais ainda o grupo.

Muita gente fez sua primeira "escalada" no campo escola e os veteranos deram demonstrações de escalada artificial e mostraram como realizar lances mais difíceis.

Pela animação geral, é provável que muito mais pessoas subam a Petrópolis desta vez.

O alpinismo é um esporte ?

Paulo Keller

A imagem do esporte que dão as olimpíadas, e a imprensa que se auto-denomina "esportiva" transmite aos seus leitores, por brilhante que possa ser, não concorda com o alpinismo. Nisto como em tudo o que domina é a cifra. Estamos sob o reinado da quantidade. O valor se mede em segundos, metros e pontos. É sancionado, garantido e honrado em termos milionários, quer seja de espectadores, quer seja de dinheiro. O esporte do qual se fala é um assunto de contabilidade.

No alpinismo, é evidente que as provas, o estímulo e a competição jogam uma importante relação, porém de forma aproximada e subjetiva. Nenhuma ciência exata poderá jamais determinar com exatidão quem é o maior alpinista do mundo, nem qual é a montanha ou a via de escalada mais difícil.

Isto, afinal, não é o essencial, já que o alpinismo é primeiro confronto e descobrimento: descobrimento de um "meio" em um conjunto, com seus múltiplos aspectos, frequentemente imprevisíveis e sobretudo não mensuráveis.

Também se o alinha num lugar aparte, situando-o oficialmente entre os esportes de plena natureza. Para isto, a vitória sobre o tempo, o espaço e a gravidade, e as competências que justificam objetivamente os outros esportes, não é um fim suficiente. A luta contra esses obstáculos, com as técnicas que isto comporta, é só parte do caminho a percorrer para encontrar e conhecer uma realidade vivente com a montanha ou com o mar.

É evidente que se reconhece um lugar particular que os esportes da natureza deveriam defender, devido à tão forte tendência atual de fundir tudo em um mesmo molde. Por razões ambíguas de preocupações, eficácia, rentabilidade e segurança, tudo se normaliza, tudo se quer por em fórmulas. O próprio êxito dos esportes da natureza torna-os vulneráveis a esta pressão, que converte em insosso o que dava gosto de vida. A ameaça é tão real que cada vez mais numerosos são os que experimentam o desejo de reagir. Assim, na revista "La Montagne" perguntam-se com insistência o que há a fazer para que "a montanha seja".

Façamos um rodeio. Os melhores autores dividem os esportes em quatro categorias. De uma parte, tendo em conta o tipo de atividade e o obstáculo defrontado, temos:

- os esportes de combate, luta e duelo em todos os gêneros.
- os jogos de pelota, que introduzem na luta um elemento de distanciamento, favorecendo os confrontos coletivos, e mantêm uma relação de simetria entre os adversários.
- o atletismo, que tem principalmente por finalidade a realização de uma prova onde entram em jogo a luta contra o relógio e a gravidade, a maestria e a elegância do gesto.
- os esportes da natureza, que consistem em realizar o desafio a um meio dado, ainda que a relação de simetria desapareça.

Por outro lado, tendo em conta os espaços utilizados, se diferenciam conforme se realizem em:

- espaços reduzidos ou fechados, salas, ringues, etc.
- espaços construídos, abertos ou fechados, estádios, quadras, etc.
- espaços naturais não preparados, porém selecionados em função da atividade escolhida: montanha, rios, mar, grutas, etc.

Estas duas maneiras de classificar fazem aparecer a principal característica do esporte de plena natureza. Para esta, é antes de tudo o meio que impõe suas exigências, enquanto que para os outros esportes, as regras são formais e dadas a priori. Em outras palavras, para todos os esportes situados em um espaço mais ou menos preparado, o homem dita sua lei, enquanto que para os esportes da natureza, é o meio natural que impõe a sua.

A dificuldade da escalada e a presença de competidores, são elementos entre outros, e não tudo no alpinismo. Assim, Michel Bouet tem razão ao dizer que "o homem no atletismo busca vencer ao homem (nele e em outros), enquanto que nos esportes da natureza, tenta contemplá-la e comungar com ela, bem como vencê-la". O que conta aqui é a relação do homem com uma dada realidade; um mundo que quer conhecer e com o qual quer conciliar-se, e não um utensílio manipulável.

Por ser sensível a uma tripla redução, corre o risco, cada vez maior de discordar e empobrecer o alpinismo, entendido como relação do homem com a montanha.

Em primeiro lugar, a redução. Pensemos na relação crescente das escolas de rocha. Elas se têm multiplicado necessariamente, como terreno para treino. Porém, de fato, a utilização que fazemos das mesmas faz crer frequentemente a muitos que "a outra coisa" para os que se preparam é uma escola de grande formato, e que a montanha pode ser a imagem da escola.

Isso é o que centenas de cordadas vão buscar na face sul da agulha "du Midi" e algumas na volta "Ouest du Drus"; Uma série de obstáculos, uma montanha simplificada, um alpinódromo. Logicamente, não foi proibido, ainda que às vezes seja mortal. Porém há que ver que isso é reduzir a montanha a um estádio, como a um ringue e ao alpinismo como um esporte de combate.

Mais complexa é a redução que consiste em preparar os obstáculos, em equipar mais e mais a montanha e ao alpinista. A intenção é clara: construindo um abrigo, melhorando o "piolet", se trata de facilitar o acesso à montanha, e diminuir os riscos, respeitando as características próprias da natureza. Porém chega um momento em que o instrumento de mediação é um obstáculo ao descobrimento, é um quebra-luz.

Os meios ocultam o fim. Preparar a mochila não é mais viver a rota por antecipação, concordar com ela, planificar os momentos e as astúcias a empregar; porém é como vestir uma armadura, da qual se espera a vitória mais que a competência de si mesmo. A importância dos meios e o seu tecnicismo tendem a reduzir a montanha à escala humana e a por em relevo os temores que inspira; O homem a modela à sua imagem e, de golpe, destrói a mutabilidade. Nela não há nada mais a descobrir. É uma lâstima...

Enfim, a redução maior consiste em substituir a aventura pela competição. A relação entre homens (com o homem) se antepõe a relação com a montanha.

É a consequência do que precede: reduzir o espaço, ordenar o obstáculo, tecnicificar e racionalizar o jogo, é fazer mensurável a atividade e criar um marco preservado, em cujo interior as surpresas são previsíveis.

Porém, a aventura muda qualitativamente pelo fato de que não é mais confrontação com a natureza, e de que está encerrada em um conjunto de disposições e regras que a condiciona plenamente. Este substituto da aventura alcança a maioria. Porém outros números, cada vez maiores, vão buscar a aventura longe dos Alpes. São os que sentem-se atraídos mais pela dificuldade, o êxito ou a glória, pela esperança de encontrar um lugar que o homem não haja domesticado ou desfigurado, ainda que haja passado por ali.

Que o alpinismo seja um esporte, muito bem. Que tenham colocado os guias na categoria de "educadores esportivos", eu não gosto muito. Porém há esportes e esportes. O alpinismo tem características próprias e um sabor que lhe dá o meio onde se o pratica.

Artigo publicado na revista CABA '27 (1): 6-7, 1977. Tradução de Waldinar Santos de Menezes.

"MOTIVOS ECOLÓGICOS: É a mostra de painéis e recortes sobre Preservação do meio Ambiente, que poderá ser apreciada por todos os Cerjenses durante o mês de março. Venha ao CERJ escolher o melhor desenho, e dar a sua participação.